



A distância entre versão e fato

O discurso de Jair Bolsonaro na abertura da 76ª Assembleia Geral das Nações Unidas trouxe elementos que não exatamente correspondem à realidade do país. Temas como corrupção, credibilidade ante a comunidade internacional, recuperação econômica, preservação da Amazônia e mesmo o tamanho dos atos que convocou a favor do seu governo — cujas pautas pediam, entre outras coisas, a desobediência a decisões do Supremo Tribunal Federal e o “enquadramento” de ministros da Corte — foram tratados pelo presidente de maneira positiva.

Veja a seguir o que é versão e o que é realidade.

Versão — “Estamos há dois anos e oito meses sem qualquer caso concreto de corrupção”.

Fato — Há dois inquéritos em andamento na Polícia Federal que investigam eventuais atos de corrupção por atuais e ex-integrantes do governo federal — um deles envolve o ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que supostamente favoreceu a exportação ilegal de madeira da Amazônia. Além disso, a CPI da Covid investiga um possível caso de corrupção no contrato de compra da vacina

Covaxin, produzida na Índia pelo laboratório Bharat Biotech. E mesmo não sendo integrante do governo, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ) responde a processo no caso das rachadinhas.

Versão — “Apresento, agora, um novo Brasil com sua credibilidade já recuperada. Meu governo recuperou a credibilidade externa e, hoje, se apresenta como um dos melhores destinos para investimentos”.

Fato — O Brasil ainda está longe das primeiras posições quando o assunto é confiabilidade de investidores estrangeiros. Segundo o Índice de Confiança do Investimento Estrangeiro Direto de 2021 da Kearney, o Brasil é o 24º entre os 25 países que mais atraem capital estrangeiro.

Versão — “No último 7 de Setembro, data de nossa Independência, milhões de brasileiros, de forma pacífica e patriótica, foram às ruas, na maior manifestação de nossa história”.

Fato — Apesar de não ter relatado que as manifestações pediam o fechamento do Supremo Tribunal Federal e, em alguns casos, a implantação de uma ditadura, nos re-

gistros das manifestações a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, estima-se que pelo menos 3 milhões de pessoas participaram dos atos. Além disso, em 1984, o último comício das Diretas Já — que pedia o retorno das eleições diretas para presidente da República — atraiu, no mínimo, 1,5 milhão de pessoas ao Vale do Anhangabaú, em São Paulo.

Versão — “Como demonstrado, o Brasil vive novos tempos. Na economia, temos um dos melhores desempenhos entre os emergentes”.

Fato — Considerando a queda de 0,1% no Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre de 2021, o Brasil teve um dos piores desempenhos entre 48 países que também divulgaram informações sobre o resultado da produtividade das suas economias, entre abril e junho deste ano. Segundo informações compiladas pela Austin Rating, o Brasil ficou na 38ª posição.

Versão — “Na Amazônia, tivemos uma redução de 32% do desmatamento no mês de agosto, quando comparado a agosto do ano anterior”.

Fato — Dados do Imazon apontam que, em agosto, a área desmatada foi 7% maior que o mesmo mês do ano anterior. Além disso, de janeiro a agosto de 2021, cerca de 7.715 km² foram desmatados, sendo 48% maior que o mesmo intervalo em 2020.

Versão — “Concedemos um auxílio emergencial de US\$ 800 para 68 milhões de pessoas em 2020”.

Fato — Bolsonaro deu a entender que esse seria o valor mensal, quando, na verdade, trata-se da somatória das parcelas pagas até dezembro. Considerando os pagamentos de quem começou a receber em abril do ano passado, no total foram cinco depósitos de R\$ 600 e outros quatro de R\$ 300, que correspondem a aproximadamente US\$ 788.

Versão — “As medidas de isolamento e lockdown deixaram um legado de inflação, em especial nos gêneros alimentícios no mundo todo”.

Fato — Segundo especialistas da área econômica, o que tem empurrado a inflação no Brasil são os preços dos alimentos, combustíveis e da energia elétrica.



Nas entrelinhas

por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br



A bolha chinesa

O discurso do presidente Jair Bolsonaro, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), confirmou o que aqui já se sabia, embora tenha assombrado o mundo: nosso governante vive num país imaginário, que governa para uma bolha de eleitores que acreditam na sua ficção. O país real, porém, foi tangenciado quando Bolsonaro falou do agronegócio e de infraestrutura, os dois setores do seu governo que, numa análise fria e não-maniqueísta, vão bem, obrigado. Uma segunda bolha no horizonte, porém, pode formar uma tempestade perfeita: a crise de liquidez da Evergrande, uma das principais imobiliárias chinesas e a incorporadora mais endividada do mundo. Uma crise na economia da China é tudo o que o Brasil não precisa neste momento, pelo poder desarticulador que teria tanto nas nossas exportações de commodities agrícolas e de minérios quanto nos investimentos em infraestrutura.

A empresa é segunda maior do mercado chinês. Fundada em 1996, opera projetos de construção em 280 cidades, além de atuar no mercado de veículos elétricos, na mídia e no entretenimento. Tem até um clube de futebol profissional: o Guangzhou Evergrande, no qual jogam os brasileiros Alan Carvalho, Aloísio, Elkeson, Fernando e Ricardo Goulart. Sediada em Shenzhen, a Evergrande tem dívidas no valor de mais de US\$ 300 bilhões (cerca de R\$ 1,61 trilhão), equivalentes a 2% do PIB chinês. Credores exigem o pagamento até amanhã de US\$ 84 milhões (R\$ 450 milhões) de seus títulos offshore, e outros US\$ 47,5 milhões de dólares (cerca de R\$ 255 milhões) na próxima semana.

Na segunda-feira, houve certo pânico no mercado, embora fosse feriado na China. O preço das ações da empresa caiu 10% na Bolsa de Hong Kong. O índice Hang Seng Imobiliário caiu 7%, chegando aos piores patamares desde 2016. As perdas foram replicadas nos mercados europeu e norte-americano. A Bolsa brasileira fechou a segunda-feira em queda de 2,33% após operar o dia inteiro em baixa, mas, ontem, se acalmou. No fundo, há uma grande interrogação em relação à economia chinesa, que deve crescer menos do que a Índia neste ano — 6,7% e 5,7%, respectivamente.

A dívida total da China é mais de 300% de seu Produto Interno Bruto. O presidente Xi Jinping desde 2017 tenta controlar a dívida do país. A China caminha para um novo modelo de crescimento baseado em serviços, consumo e no setor privado, menos dependente do Estado, mas ainda está longe disso. A interrogação sobre a Evergrande decorre de que o Banco Central chinês vem numa linha de restrição de créditos. Em contrapartida, a economia chinesa é muito robusta, o governo tem grande poder de intervenção na economia e, no ano passado, investidores estrangeiros injetaram mais de US\$ 150 bilhões no mercado financeiro chinês.

Infraestrutura

A China é o principal parceiro comercial do Brasil. Isso tem um impacto enorme na nossa estrutura produtiva, cuja infraestrutura foi montada para o Atlântico e precisa ser redirecionada para o Pacífico. Além de serem grandes consumidores de nossos minérios e produtos agrícolas, tem todo interesse em investir no Brasil, inclusive na infraestrutura. O programa de US\$ 100 bilhões em novos investimentos e os US\$ 23 bilhões em outorgas, na área de infraestrutura, com a privatização de 34 aeroportos e 29 terminais portuários, além de investimentos privados da ordem de US\$ 15 bilhões em ferrovias, estão alavancados pela balança comercial com a China.

Uma crise chinesa agora seria muito ruim para o Brasil. Em primeiro lugar, aumentaria a cautela dos investidores de um modo geral — no nosso caso, agravada pela crise fiscal, que provoca elevação de juros e alta do dólar. Hoje, na reunião do Copom, segundo o mercado, os juros devem subir mais 1 ponto percentual. No Congresso, a agenda que está sendo implementada pelo Centrão não tem nenhum compromisso com o equilíbrio fiscal e com a segurança jurídica. Cálculos de especialistas estimam uma explosão no déficit público, que pode chegar a R\$ 1,5 trilhão em 10 anos. Reforma do Imposto de Renda, PEC dos precatórios, vale-gás, Refis, desoneração da folha, subsídio ao diesel, fundo social de privatizações compõem a pauta bomba.

Imprensa registra posições polêmicas

Diário de Notícias

Na concepção do jornal lisboeta, o discurso do presidente foi considerado “radical” e negacionista em relação a pandemia de covid-19. “O presidente do Brasil voltou a defender o tratamento precoce e a atacar o isolamento no combate à pandemia, contradizendo a Organização Mundial da Saúde”, foi a manchete.

the guardian

Tratou Bolsonaro como uma figura com atitudes “polêmicas” durante a pandemia, que se recusou a tomar a vacina e fez propaganda do “tratamento precoce” — que, comprovadamente, não faz efeito algum contra a covid-19. Ressaltou, ainda, a contradição no discurso do presidente, salientando que seu governo apoia

a vacinação, mas não concorda com o passaporte de vacinas.

Clarín.com

Destacou que Bolsonaro tentou atingir o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — à frente do presidente em todas as pesquisas eleitorais para a disputa ao Palácio do Planalto, em 2022 — ao dizer que o Brasil estava à “beira do socialismo”.

The New York Times

Para um dos mais influentes jornais do mundo, o discurso de Bolsonaro surpreendeu pela “defesa do uso de medicamentos ineficazes contra o coronavírus”. Chamou-o, ainda, de “presidente de extrema-direita”. Além disso, o diário observou que “Bolsonaro minimizou repetidamente a

ameaça que o vírus representava, criticou as medidas de isolamento e foi multado por se recusar a usar máscara na capital”.

EL PAIS

De acordo com o diário madrilenho, “havia expectativa de um discurso mais moderado, o que não aconteceu.” Para o jornal, Bolsonaro foi “fiel às suas posições negativas” ao atacar as medidas de restrição para combater a covid-19.

CNN

A emissora qualificou o discurso de Bolsonaro de “desafiador, mas isolado”. Segundo a reportagem publicada no site, o presidente brasileiro apresentou um Brasil “muito diferente do país devastado pelo coronavírus”.

Bloomberg

O site salientou que “Bolsonaro, que até agora se recusou a receber a vacina contra a covid-19, disse que (...) as medidas restritivas adotadas pelos governadores durante a pandemia foram responsáveis pelas altas taxas de desemprego e inflação do país”.

The Washington Post

O site do jornal disse que ele parece ter quebrado o “sistema de honra” das Nações Unidas para a vacinação — ou seja, conseguiu que mesmo sem estar vacinado, participasse da cerimônia. Mesmo assim, dentro do prédio da ONU usou máscara de proteção — algo que ele sempre combate nas lives das quintas-feiras.

No Twitter, guerra feroz de hashtags

O discurso de Jair Bolsonaro, ontem, nas Nações Unidas, tomou conta das redes sociais. Dados coletados pelo Correio até às 18h, ontem, no Twitter, mostrou uma batalha de tuítes contra e a favor do governo. Da parte dos adversários do presidente, a hashtag #BolsonaroVergonhadoBrasil teve mais de 69 mil tuítes. Em resposta, os apoiadores tiveram mais de 42 mil registros na hashtag #BolsonaroHeróiNacional.

Para o analista de redes sociais Pedro Barciela, a reação já era esperada por ser direcionada exatamente para o debate polarizado nas redes. “Bolsonaro levanta pau-

tas que ele sabe que geram revolta na oposição e alimentam sua militância. Com isso, ele sabe que, ainda que o volume de críticas seja maior — e foi —, ele terá um controle mínimo sobre a pauta, ainda que momentâneo, e contará com a defesa de seu núcleo duro, que hoje gira em torno de 20%”, explicou.

Na análise feita no Twitter, Pedro explicou que Bolsonaro foi para os Estados Unidos tentando “sair da defensiva”. Segundo o especialista, agendas como essa restringem o número de agrupamentos para além da polarização dos que se engajam com o tema.

O movimento de Bolsonaro ao

“sair da defensiva” é uma sequência que se inicia antes mesmo de ele viajar para fora do Brasil. O analista explicou que a agenda nos Estados Unidos e o discurso na ONU foram utilizados como uma forma de tentar, mais uma vez, pautar o debate nas redes. “E conseguiram. Talvez as denúncias envolvendo os parentes de Bolsonaro, os avanços da CPI da Covid e as novas denúncias da Prevent Senior impediriam que o presidente redirecionasse o debate”, disse.

Sobre os apoiadores do Bolsonaro, Pedro afirma que os perfis são consolidados com a influência e liderança de atores com grande

alcance e alto poder de mobilização nas redes sociais.

Segundo dados do Bot Sentinel, plataforma independente e de código aberto que monitora a ação de perfis inautênticos no Twitter, a hashtag #BolsonaroHeróiNacional foi a terceira mais utilizada por robôs no Twitter. A plataforma registrou 49 tuítes feitos por contas falsas na hashtag a favor do presidente Bolsonaro. Além disso, o Bot Sentinel verificou 26 tuítes postados por robôs na hashtag #Bolsonaro UN2021, que foi a 13ª hashtag mais compartilhada por usuários inexistentes no dia, de acordo com a plataforma.

CRAZY SALE

EDIÇÃO ROLETA PREMIADA

24 a 26 DE SETEMBRO

até 80% OFF

R\$250 = 01 GIRO EM COMPRAS NA ROLETA

CONCORRA A PRÊMIOS EXCLUSIVOS

RODOVIA BR060, KM 21

Baixe o aplicativo Gen Shop e participe.

Google play App Store

OUTLET PREMIUM BRASÍLIA

CHIC É PAGAR POUCO

Imagem meramente ilustrativa. Promoção autorizada pelo Ministério da Economia. Consulte regulamento no site www.outletpremium.com.br